



“Os fins lógicos nos escapam”: a crítica da alienação em André Breton

João Emiliano Fortaleza de Aquino*

Resumo: O artigo tematiza a crítica da lógica e do racionalismo de André Breton, buscando mostrar que ela se volta a uma experiência social na qual os fins das atividades humanas escapam aos homens. Por isso, sua crítica da personalidade coerente consigo mesma, da consequência das ações, do trabalho e da obra. Contra essas formas alienadas das atividades humanas, Breton reivindica um conceito de homem determinado pelos desejos e vocacionado à perda e à errância; e, nisso opõe a verdadeira vida (*vraie vie*) à vida real (*vie réelle*). A hipótese central do artigo é a aproximação da crítica de Breton da crítica da alienação apresentada pela crítica da economia política de Marx.

Palavras-chave: André Breton – Karl Marx – Lógica – Racionalismo – alienação.

Abstract: The article deals with André Breton's critique of logic and rationalism, aiming to show that it turns to a social experience where the purpose of human activities escape men's control. Therefore, his critique of the personality consistent with itself, of the consequences of its actions, job and works. Against these alienated forms of human activities, Breton claims a concept of man determined by desires, devoted to loss and wandering; by opposing the true life (*vraie vie*) to the real life (*vie réelle*). The central hypothesis of the article is the approximation of Breton's critique to the critique of alienation presented by Marx's critique of political economy.

Keywords: André Breton – Karl Marx – Logic – Rationalism – Alienation.

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professor da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: emiliano.aquino@uece.br.

A Alexandre de Moura Barbosa
in memoriam

I

Breton e seus amigos, nos anos iniciais da experiência surrealista (os anos 20), somente conheciam a teoria da alienação em sua forma feuerbachiana: *A essência da religião* e *A essência do cristianismo* foram publicadas na França já em 1864 e, no *Segundo manifesto do surrealismo*, há claras referências a essas obras. Mas não me parece que eles tenham tomado de Feuerbach a teoria da alienação como um problema teórico importante, mas apenas, ou principalmente, a posição materialista, ateia e antropológica desse filósofo alemão. Eles também não conheciam a teoria marxiana da alienação. No que pese a publicação parcial e comentada, no início dos anos 30, por Henri Lefèbvre, dos *Manuscritos econômico-filosóficos* de Marx, o termo *aliénation*, sempre que surge nos textos surrealistas nos anos 20 e 30, tem o sentido de “alienação mental”. Somente após a segunda guerra, precisamente nas *Entretiens* de 1952, é que este termo surge em Breton num sentido próximo do que ele ocupa na crítica da economia política. Retomando o significado fundamental da experiência surrealista no entreguerras, ele diz: “O mundo em que vivemos nos resultou ser totalmente alienado; nós revogamos, de comum acordo, os princípios que o conduzem”.¹ Segundo essa retrospectiva, o radical questionamento da noção de realidade por parte do surrealismo teria o preciso significado de uma ‘revogação’ dos princípios que conduzem este “mundo alienado”.

A autorização que, com essas palavras, Breton oferece para uma compreensão retrospectiva da experiência surrealista não elimina, no entanto, a necessidade de uma melhor determinação do que, nessa mesma experiência, pode significar a categoria da alienação. Sabe-se que, com relação a essa categoria, se está sempre a pisar num campo minado, como demonstram os inúmeros e intermináveis debates no interior do marxismo acerca dela no segundo pós-guerra e, principalmente, após o movimento grevista selvagem com ocupações de fábrica de maio de 1968 na França.

Neste artigo, o reconhecimento dessa categoria como a que pode dar conta da experiência surrealista não pode ser justificada nem pela autorização posterior do próprio Breton, nem por uma análise conceitual dos textos de Marx em face dos de

1 BRETON, A. *Entretiens*. Paris: Gallimard, 1969, p. 97.

Breton, procurando aí uma fidelidade doutrinária. A importância de uma relação entre alguns textos de Marx e outros de Breton, relação sem dúvida necessária para nela pensar o problema da alienação na experiência surrealista, deve ter aqui um outro significado; mais precisamente, uma outra e bem precisa compreensão dessa categoria, numa determinação que lhe é mesmo essencial do ponto de vista conceitual, a saber, a sua natureza socialmente experiencial e prática, tal como ela aparece, aliás, nos textos marxianos. Precisamente contra a autonomização filosófico-conceitual dessa categoria, Marx e Engels opõem ao método – que creditam a Max Stirner – de “fazer aparecer todas as relações efetivas, assim como os indivíduos efetivos, tais como eles são, como alienados [*entfremdet*] (para nos reter provisoriamente ainda a esta expressão filosófica), de as transformar nesta fórmula abstrata da alienação [*Entfremdung*]”, um outro bem distinto: “apresentar os indivíduos reais com sua alienação real e as relações empíricas desta alienação”.²

De modo simples, trata-se não de tomar a alienação como realidade filosófica, na qual este fenômeno histórico-social estaria conceitualmente autonomizado, mas de aproximar-se de, apropriar-se de e pensar a própria experiência social. É precisamente desse modo, como categoria efetiva da experiência social que, para Marx – se se tem aqui em vista as obras maduras de crítica da economia política –, a *abstração* própria às formas do valor econômico constitui e determina a experiência social moderna na diversidade de suas formas de existência; e como determinação efetiva, real, determina diversas formas existenciais alienadas, reificadas. A compreensão da reflexão surrealista como crítica da alienação e da reificação deve assumir, por conseguinte, esse segundo caminho de análise apontado por Marx. Especificamente quanto à análise da reflexão de Breton, isso quer dizer que, em sua posição surrealista, há a crítica de uma determinada sociabilidade histórica subsumida à reificação e ao fetichismo das formas abstratas e, no entanto, efetivas, reais do valor econômico; crítica que ele expressa, referindo-se a esse mesmo fenômeno, em outros termos e categorias.

Nessa perspectiva, a experiência surrealista se constitui fundamentalmente numa crítica da alienação, mas não por uma formulação conceitual “correta” e “exata” – em termos das categorias da crítica da economia política, tais como apreendidas por

2 MARX, K.; ENGELS, F. Deutsche Ideologie. In: *Marx-Engels Werke*, v. 3. Berlin: Dietz Verlag, 1958, p. 262; *L'idéologie allemande*. Paris: Éditions Sociales, 1968, p. 312.

Marx – desse fenômeno histórico-social. Em Breton, a crítica da alienação tem por base o reconhecimento crítico de formas existenciais concretas desse fenômeno histórico. O seu ponto de partida não é, de fato, conceitual. Situado na própria experiência poética francesa e se defrontando com uma experiência histórica bem determinada, é pelo influxo dessas duas experiências – uma imediatamente social, outra relativa à “tradição insurrecional da poesia francesa” (Benjamin) – que ele se posiciona diante da sociabilidade burguesa.

De que se constitui, precisamente, a crítica bretoniana e surrealista da alienação?

Em positivo, ele assim a expressa: “Depende apenas do homem para que ele se pertença inteiro, quer dizer, mantenha em estado anárquico o bando cada vez mais temível de seus desejos”.³ O homem está inteiro somente ali onde ele pode se perder e escapar de si mesmo. É este o fundamento, na reflexão de Breton, da crítica da lógica e do racionalismo. Trata-se nela não primeiramente de uma crítica filosófica, nem mesmo de uma asserção filosófico-antropológica sobre o uso das faculdades anímicas do homem; mas, precipuamente, do domínio social da “lógica”. “Vivemos ainda sob o reino da lógica”, diz Breton,⁴ no *Manifeste du surréalisme*. E acrescenta, determinando o conteúdo social dessa crítica:

Mas os procedimentos lógicos, em nossos dias, aplicam-se somente à resolução de problemas de interesse secundário. O racionalismo absoluto que permanece em moda não permite considerar senão os fatos que marcam estreitamente nossa experiência. Os fins lógicos, ao contrário, nos escapam.⁵

Para Breton, um mundo impermeável à perda, à aventura, à surpresa e ao inesperado, mais ainda, à plurivocidade dos desejos, exatamente este mundo dominado pela “lógica” e pelo “racionalismo absoluto”, é o que é propriamente estranho ao espírito humano; e o é precisamente porque, nesta forma de sociabilidade, “os fins lógicos nos escapam”.

A relação conceitual possível entre a crítica bretoniana do “racionalismo” e da “lógica” e a formulação teórica da alienação na crítica da economia política se encontra nessa crítica da autonomização aparentemente lógica e racional dos fins das atividades humanas. Desde os Manuscritos, o fenômeno da alienação essencialmente

3 BRETON, A. *Manifestes du surréalisme*. Paris: Gallimard, 2000, p. 322.

4 Idem, p. 316.

5 Ibidem.

diz respeito a essa experiência dum “mundo objetivo estranho”. Já nesse momento, Marx tem o cuidado de restringir sua crítica, observando que ela não se dirige à existência externa do “objeto” (*Gegenstand*); de qualquer modo como se apresente, a realidade exterior não é subsumível à consciência, pois não é mera representação consciente. Sua crítica se dirige a uma forma de vida social em que o mundo objetivo produzido pela atividade do homem “existe fora dele, independentemente, a ele estranho, e é um poder autônomo a ele oposto”. Em suma, a uma realidade social que se defronta ao homem como um poder “hostil e estranho”.⁶ N’O capital, a mesma ideia mantém-se quanto à reificação (*Verdinglichung*) da experiência social sob o domínio fetichista do valor: “Seu próprio movimento social possui para eles [os homens] a forma de um movimento de coisas, sob cujo controle se encontram, em vez de controlá-las”.⁷

É a essa experiência social de autonomização das relações sociais, a essa perda de controle dos indivíduos sobre suas próprias atividades e experiências vitais no interior de relações sociais autonomizadas que Breton tem em vista, ao refletir sobre o domínio da “lógica” e do “racionalismo”, cujos fins nos “escapam”. Que nem sempre Breton e os surrealistas tenham articulado de modo claro a central distinção entre a recusa da existência estranha, autônoma, da recusa da simples e inevitável existência externa, objetiva – isto é, que eles frequentemente tenham, em seu questionamento da noção tradicional de “realidade”, tendido a abolir o “princípio de realidade” tout court – é algo a ser desde já indicado; e apenas indicado. O fundamental é que Breton, na crítica dos “fins lógicos que nos escapam”, tem em conta a autonomização de um metabolismo social cujos fins escapam ao controle dos indivíduos e, portanto, à possibilidade de se “perderem” livremente; por isso, essa autonomização se defronta, de modo “hostil” e “estranho”, com a reivindicação do “estado anárquico” dos desejos, com a inteireza humana entendida como possibilidade de perda, no mundo, de si mesmo.⁸

6 MARX, K. Ökonomisch-philosophische Manuskripte. In: *Marx-Engels Studienausgabe*, B. II. Frankfurt am Main: Fischer Bücherei, 1966 p. 77.

7 MARX, K. *O capital: crítica da economia política*, livro I, vol. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 72-73.

8 A rigor, em seus traços largos, algo dessa interpretação foi adiantada por Bürger e Löwy. Quando discute a categoria surrealista do acaso objetivo (*hasard objectif*), Bürger encontra nele dois significados principais: um, a busca de abolição do indivíduo burguês, autocentrado, unitário; outro, a resistência à racionalidade dos fins (BÜRGER, P. *Teoría de la vanguardia*. Barcelona: Ediciones Península, 1987, p. 127). Sob a ótica weberiana, que aparece nesse segundo significado apontado por Bürger, Löwy interpreta a crítica de Breton à sociedade moderna com os termos da *Rechenhaftigkeit*, “o espírito do cálculo racional”, e da *Zweckrationalität*, “ação-racional-em-finalidade”, “racionalidade instrumental”; essas categorias, para ele, igualmente se referem a “uma estrutura reificada e alienada

II

Na reflexão de Breton, essa autonomização dos fins que permanecem estranhos aos indivíduos marca de modo central a experiência social na modernidade, determinando um vasto conjunto de fenômenos. Aqueles que aparecem em seus temas poéticos não são apenas ilustrativos, mas constitutivos dessa reflexão. No *Nadja*, particularmente dois desses temas chamam a atenção: a recusa do valor moral do trabalho e, em íntima relação com este primeiro, a crítica da multidão laboriosa. A elas, Breton opõe a *flânerie* surrealista, compreendendo-a como o

precipitar alguns homens na rua, depois de tê-los feito adquirir consciência, se não do nada, pelo menos da grave insuficiência de todo cálculo pretensamente rigoroso sobre eles próprios, de toda ação que exige uma aplicação permanente, e que pode ser premeditada.⁹

Toda a passagem em que se situa esse trecho é importante, pois nela a crítica da “lógica” e do “racionalismo”, agora na forma da crítica de todo “pretensado cálculo rigoroso sobre si mesmo”, diz respeito à radical oposição entre o jogo surrealista da deambulação e a moral e a disciplina burguesas do trabalho. Na sequência desse trecho citado, Breton afirma:

Sou forçado a aceitar a ideia do trabalho como necessidade material, e nesse aspecto sou mais do que nunca favorável à sua repartição melhor e mais justa. Que as sinistras obrigações da vida me imponham, vá lá, mas que me peçam para acreditar nele, respeitar o meu ou o dos outros, jamais. Prefiro, de novo, caminhar na noite a me acreditar aquele que caminha no dia.¹⁰

Ainda que, de fato, não haja em Breton uma tematização conceitual da alienação do trabalho numa instância específica – que seria de todo modo estranha à atividade da escrita tal como a concebe e realiza –, ele apresenta uma posição crítica tanto da valoração moral quanto da experiência do trabalho na sociedade moderna, articulando-a precisamente com a questão do “sentido da vida”, pois, afinal, este “evento que cada um de nós está no direito de esperar, [...] a revelação do sentido de sua própria vida [...], *não virá ao preço de trabalho*”.¹¹

que encerra os indivíduos nas ‘leis do sistema’ como em uma prisão” (LÖWY, M. Romper a gaiola de aço. In: *A estrela da manhã*: surrealismo e marxismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 9-10).

9 BRETON, A. *Nadja*. São Paulo: Imago, 1999, p. 58.

10 Ibidem.

11 Ibidem.

A crítica da multidão laboriosa advém desta crítica do trabalho. A multidão é, em diversas passagens do *Nadja*, olhada com desprezo precisamente porque vista numa positiva identidade com a experiência do trabalho e com a sua valoração moral, identidade que se manifestaria mesmo em seus gestos, seu modo de andar e vestir. Na passagem em que narra seu encontro com a personagem Nadja, Breton assim descreve a multidão:

Os escritórios, as lojas começavam a esvaziar-se, as portas corrediças se fechavam, pessoas nas ruas se despediam com apertos de mão, o que ocasionava ao mesmo tempo um maior afluxo de gente. Observava, sem querer, as expressões, os andares, os adornos. Ora, não seriam estes os capazes de fazer a Revolução.¹²

Uma última passagem é ainda digna de citação; ela tanto tem a ver com a personalidade da própria Nadja – de quem Breton, ao final da narrativa, se separa pela sua indiferença com a vida –, quanto estabelece a ligação entre a crítica da experiência do trabalho e de sua valoração moral. Num trem, à noite, Nadja observa com curiosidade e respeito as fisionomias dos que retornam do trabalho. “Há pessoas admiráveis!”, exclama. Breton lhe responde:

Coisa nenhuma. Para começo, não se trata disso. Tais pessoas não podem ser admiráveis, já que suportam o trabalho juntamente ou não com todas as outras misérias. Como isto poderia elevá-las, se a revolta não é o mais forte do que o resto? [...] De minha parte, odeio com todas as forças essa escravidão que me querem impingir por meritória. Lamento que o homem esteja condenado, que não possa subtrair-se a ela, mas não será a dureza de sua pena que me disporá em seu favor: é e será apenas a veemência de seu protesto.¹³

Do ponto de vista de sua reflexão sobre a moderna experiência da alienação e da reificação, o que significa em Breton essa recusa do trabalho e da multidão? Inicialmente, deve-se observar a radicalidade e a amplitude a que ele a conduz. É sobre o trabalho precisamente que, segundo ele, “se manifestam os mais tolos preconceitos dos quais é imbuída a consciência moderna, no sentido coletivo do termo”.¹⁴ Ainda que a valoração moral do trabalho conforme a inteira consciência coletiva moderna, a crítica de Breton é dirigida principalmente ao movimento operário que afirma positivamente, como ao seu princípio, aquele mesmo que é o da sua “escravidão”. Decorre daí, na reflexão de Breton, a recusa tanto de determinados

12 Idem, p. 60.

13 Idem, p. 64-65.

14 BRETON, A. La dernière greve. In: *La révolution surréaliste*. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1975 (nº 2, janeiro de 1925, p. 1).

valores implícitos na ética do trabalho, como o “sacrifício”, a “alma de miséria”, o “caráter sagrado do trabalho”, a “miragem política”, quanto um mesmo de toda essa experiência: a divisão entre trabalho manual e intelectual, divisão que não pode ser posta em questão senão pelo questionamento do próprio trabalho.

III

Não há, na análise de Breton, qualquer determinação categorial relativa ao assalariamento do trabalho que recusa, sendo sua crítica feita até mesmo em nome dos “homens de espírito”, categoria abstrata que expressa a rejeição dos surrealistas – bastante ilusória, naturalmente – a se incluírem nessa mesma divisão do trabalho sob as categorias de artistas, filósofos, sábios. Na verdade, em sua polêmica com o marxismo francês, Breton chega a tematizar o assalariamento, tomando-o, no entanto, como uma determinação secundária para a crítica da sociedade moderna, como uma determinação ainda presa a essa mesma valorização do trabalho. Por não partir, em sua crítica da “lógica” e do “racionalismo” das categorias da crítica da economia política, ele não concebe o trabalho assalariado como a determinação central que, na produção industrial-mercantil, capitalista, funda o domínio da abstração das forma-valor. Em outras palavras, Breton termina por conceber o trabalho assalariado nos mesmos limites conceituais sob os quais o próprio marxismo francês – em seu programa estatista de abolição da figura jurídica do capitalista e de planejamento do mercado – o toma, a saber, nos estreitos limites da imediata relação jurídica entre o capitalista e o trabalhador, não o compreendendo como trabalho abstrato e, portanto, não o articulando com a totalidade da vida de uma sociedade baseada na produção do valor.

Apesar disso, sua crítica não se torna menos radical, pois coloca em questão as próprias categorias reificadas do salário e do repouso do trabalho, concebendo uma lógica do conflito que vá além do que se dá sob essas categorias.

A insuficiência de repouso e de salário não são, no mundo, as únicas causas de descontentamento [...] poderíamos, se quiséssemos, estabelecer com a sociedade um conflito de outro modo mais grave que aquele que mobiliza empregadores e empregados.¹⁵

Essa crítica do trabalho – na radicalidade e na amplitude que aí se apresenta – é central, como já indicado nas passagens citadas do *Nadja*, à sua reflexão sobre o

15 Idem (*La révolution surréaliste*, nº 2, p. 2).

domínio moderno da “lógica” e do “racionalismo”; e o é precisamente quanto àquilo que, segundo essa mesma reflexão, mais essencialmente caracteriza esse domínio: o esvaziamento, na sociedade moderna, do “sentido da vida”. É este o segundo e principal aspecto que pode responder à pergunta pela relação entre sua crítica do trabalho e sua crítica da reificação, crítica esta que, de modo mais geral, se dá – como se tem notado – sob a forma da crítica da “lógica” e do “racionalismo”. Essa relação, bem mais ampla, encontra-se no início do primeiro manifesto, como ponto de partida das posições que, naquele momento, constituem o surrealismo.

“Tanto vai a crença na vida, no que a vida tem de mais precário, a *vida real*, entenda-se, que por fim esta crença se perde”,¹⁶ assim inicia o *Manifeste du surréalisme*. Ao mesmo tempo em que retoma a oposição estético-literária entre a *vraie vie* e a *vie réelle*, que sempre se situou também no plano social, Breton tem em vista precisamente o esvaziamento de sentido em e dessa experiência vital, ela mesma já empobrecida e estreita. A *vie réelle* à qual se refere Breton seria, nos termos de Baudelaire, a renúncia a toda “perspectiva” e “ponto de vista exclusivo”, o domínio da “dúvida” e do “ecletismo”;¹⁷ enfim, a vida reduzida a “uma vasta unidade, monótona e impessoal, imensa como o tédio e o nada”;¹⁸ e poder-se-ia ainda dizer com Benjamin, o “mundo spleenético”.¹⁹ Os motivos sociais da crítica baudelaireana do realismo artístico-literário são mobilizados para a crítica da própria existência, tal como ela presentemente se põe, se tratando também de opor à “realidade” imediata, à vida empobrecida, uma referência outra de realidade e de vida, uma referência positiva pela qual a presente experiência vital é recusada.

Em Rimbaud, esta noção de *vraie vie* aparece *en creux*, negativamente, como ausente: “*La vraie vie est absente*”; e só pode ser referida nessa característica que lhe é essencial. Em Breton, diferentemente, ela é seguramente tomada *em positivo* como lugar de verdade unicamente com base no qual a existência negativa, a má realidade

16 BRETON, A. *Manifestes du surréalisme*, p. 311.

17 BAUDELAIRE, C. Salon de 1946. In: *Œuvres complètes*. Paris: Robert Lafont, 1980, p. 674-675.

18 BAUDELAIRE, C. Exposition de 1855. In: *Œuvres complètes*. Paris: Robert Lafont, 1980, p. 724.

19 Na temática histórico-social do ciclo poético do *Spleen*, diz Benjamin, “o tempo está reificado [verdinglicht]; os minutos cobrem o homem como flocos de neve”, sendo este um tempo “sem história” (*geschichtslos*) (BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *Obras escolhidas*, vol. III. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 136; BENJAMIN, W. Über einige Motive bei Baudelaire. In: *Gesammelte Schriften*, B. I-2. Frankfurt am Main: Surkhamp Verlag, 1980, p. 642). “O fermento decisivamente novo que, apresentando-se no *taedium vitae*, deste faz *Spleen*, é a auto-alienação [Selbstentfremdung]” (BENJAMIN, W. Parque Central. In: *Obras escolhidas*, vol. III. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 153; BENJAMIN, W. Zentralpark. In: *Gesammelte Schriften*, B. I-2. Frankfurt am Main: Surkhamp Verlag, 1980, p. 659).

pode ser apontada como tal. Também aí Breton parece manter uma característica da representação estético-literária da *vraie vie* – em Baudelaire, em Apollinaire, em Gide, em Proust... – que é a posituação já de uma certa noção de realidade ético-existencial mais verdadeira contra a mesquinhez e a estreiteza da representação literária realista da realidade imediata. Em outras palavras, a *vie réelle* consiste numa expressão negativa da existência – ou expressão crítica da existência ela mesma negativa – com base, contudo, num pressuposto positivo: *l’homme, rêveur définitif*, “o homem, sonhador definitivo”. A *vraie vie*, apenas indiretamente nomeada nessa passagem, aparece em sua positividade sob a forma desse ponto de partida positivo da crítica, o “homem sonhador”. A *vie réelle* é, assim, concebida como uma espécie de “queda” desse “sonhador definitivo”, uma queda a que ele consente, num mundo dos constrangimentos práticos, entre os quais se encontra principalmente o trabalho; uma queda do homem sonhador, “pois ele consentiu em trabalhar”.²⁰

Ora, a concessão ao trabalho significa, extensivamente, a concessão a um inteiro mundo de constrangimentos práticos, o mundo da “imperiosa necessidade prática”, da “utilidade arbitrária”. Trata-se, como em “La confession dédaigneuse”, artigo de abertura de *Les pas perdus*, de pensar o domínio da “lógica” e do “racionalismo” como uma exigência de “consequência” – consequência prática e, portanto, obediência aos “imperativos do tempo” – cujo resultado não é outro que uma generalizada perda de sentido em relação à experiência vital: “Em nossos dias [...] não se cuida mais de sua lenda”.²¹ Sob o domínio da lógica e seus imperativos reificados, o homem sente “faltar-lhe todas as razões de viver”.²² É a crença e o esgotamento da experiência vital na *vie réelle*, enquanto identificação e limitação de suas perspectivas de vida a estes imperativos práticos, imperativos dados pela “lógica” cujos “fins nos escapam”, o que conduz, na experiência social moderna, a uma descrença nessa mesma vida pobre. Se as “razões de viver” terminam por faltar ao homem moderno, isto não é outra coisa que uma necessária e essencial consequência do estreitamento dessa mesma vida limitada pelo trabalho, pela utilidade prática e imediata, pela pobreza dos gestos, pela ausência de “perspectiva” (para dizer mais uma vez com

20 BRETON, A. *Manifestes du surréalisme*, p. 311.

21 BRETON, A. *Les pas perdus*. In : *Oeuvres complètes*, t. I. Paris: Gallimard, 1988, p. 197.

22 BRETON, A. *Manifestes du surréalisme*, p. 312.

Baudelaire). “Todos os seus gestos carecem de amplitude, todas as suas ideias, de envergadura”.²³

Não é o propósito deste artigo discutir a relação dos surrealistas com a práxis política, mas é preciso notar que a sua recusa à “ação”, recusa que se opôs, durante um certo período, à exigência de militância por parte do PC francês, se situa nessa problemática mais ampla: a do distanciamento crítico da “utilidade prática”, do “pragmatismo”, enfim, dos “imperativos do tempo”. Ora, é essa a mesma recusa que, do ponto de vista artístico, se dá também com relação à “obra”. Breton justifica sua posição contra essa exigência argumentado que “tudo o que se pode *realizar* no domínio intelectual me parecerá sempre a pior servidão ou a mais completa má fé. Bem entendido, eu amo apenas as coisas inacabadas”.²⁴ Trata-se em todas essas frentes de questionar com radicalidade os imperativos da “produção” (e do “produto), do “trabalho”, da “consequência”, ou seja, todas as formas de existência da “racionalidade lógica”, com base na pergunta maior e mais fundamental pelo “sentido da vida”, pelas “razões de viver”.

Esse é um modo de renúncia e de afastamento crítico de toda forma de exteriorização capturável pelos imperativos práticos do assim chamado reino da lógica; renúncia cuja origem está já no dadaísmo e que Breton opõe depois ao próprio movimento Dadá, ao buscar afastar-se dos escândalos repetitivos, tornados exteriorizações (supostamente) esvaziadas de conteúdo e sentido.²⁵ Na temática do trabalho e, extensivamente, do conjunto dos imperativos práticos do mundo da lógica e do racionalismo, o que Breton tem criticamente em vista é o estreitamento da totalidade da experiência social dos indivíduos. “Inútil acrescentar que a própria experiência viu assinalados seus limites”, diz ele. “Ela dá voltas numa gaiola de onde é cada vez difícil fazê-la sair. Também ela apoia-se na utilidade imediata, e é guardada pelo bom senso”.²⁶

IV

A que “experiência”, porém, ele se refere nessa passagem? Ora, todo o ponto de partida da reflexão de Breton no período 1918-1924, que antecede e “prepara” a

²³ Ibidem.

²⁴ BRETON, A. *Les pas perdus*, p. 202.

²⁵ Sobre a crítica das “exteriorizações” dadaístas, cf. “Après dada” (BRETON, A. *Les pas perdus*, p. 259-261) e as *Entretiens* (p. 69 ss).

²⁶ BRETON, A. *Manifestes du surréalisme*, p. 316.

publicação de *Les pas perdus* (em 1924) e do *Manifeste du surréalisme* (também em 1924) é a aguda consciência da impossibilidade dessa mesma experiência em seu sentido tradicional, da própria impossibilidade de um sentido transmitido (da *Erfahrung*, diria Benjamin). No entanto, a recusa da experiência e do sentido tradicionais não significa a renúncia a uma outra experiência e a um outro sentido, mas, antes, é, para Breton, sua própria condição de possibilidade histórica. A representação do empobrecimento da experiência faz eco, no primeiro manifesto, precisamente à busca de “sentido”, tal como anunciada em “La confession dédaigneuse”: “Crê-se, comumente, que o sentido do que nós escrevemos, meus amigos e eu, deixou de nos preocupar [...]. Nós tentamos talvez restituir o *fundo* à forma e para isto é natural que nos esforcemos, de início, de ultrapassar a utilidade prática”.²⁷ A insistência no enriquecimento da experiência e no encontro do sentido, insistência esta já fundada na consciência da impossibilidade da experiência e do sentido tradicionais, é em verdade o que articula toda a reflexão de Breton e tem a ver, essencialmente, com a crítica da “utilidade prática”, “imediata”, que caracteriza a moderna experiência reificada da lógica e do racionalismo.

De um ponto de vista histórico mais amplo, a temática da experiência e do sentido caracterizou toda uma época da qual Breton foi contemporâneo. Como lembra Benjamin, desde o século anterior, “a filosofia vinha realizando uma série de tentativas para se apropriar da ‘verdadeira’ experiência, em oposição àquela que se manifesta na vida normatizada, desnaturada das massas civilizadas”.²⁸ Para o crítico alemão, a “filosofia da vida”, rubrica sob a qual se ajuntavam essas tentativas, “não partia da existência do homem na sociedade; invocavam a literatura, melhor ainda a natureza e, finalmente, a época mítica”.²⁹ Breton, distante dessas perspectivas, se vale da experiência e da reflexão estético-poéticas que o antecede, compreendendo que, nela, se trata da própria existência social; e, nesta mesma, procura refletir sobre esse fenômeno de radical separação e hostilidade entre uma instância abstrata autonomizada da vida social e a subjetividade que é, que se sabe e que, no entanto, se quer solitária.

“Restituir o fundo à forma”: esta fórmula, Breton a elabora precisamente em oposição aos constrangimentos práticos e suas exteriorizações reificadas. Nela,

27 BRETON, A. *Les pas perdus*, p. 198.

28 BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire, p. 104; Über einige Motive bei Baudelaire, p. 608.

29 Ibidem, ibidem.

expressa de modo privilegiado o que entende, positivamente, por uma experiência que não seja aquela empobrecida pela lógica e pelo racionalismo absoluto; assim, essa fórmula corresponde inteiramente, do ponto de vista semântico, à “provação do inconsciente”, à experiência das “profundezas do espírito”, fórmulas estas também presentes no primeiro manifesto. Sua condição é o processo de destruição da experiência e do sentido tradicionais e, conceitualmente, plasma-se precisamente numa noção positiva de *vraie vie* – situada neste *fond*: o *esprit*, o *inconscient*, que deve ser restituído à forma – pela qual a *vie réelle*, a vida da limitada experiência, é recusada.

Breton representa positivamente a experiência social moderna, em sua destruição da tradição, precisamente pelo encontro da subjetividade solitária consigo mesma. Dessa experiência fundadora de toda sua reflexão, decorre a recusa do que chama de “critério humano”, pois – sob este horizonte, que é o seu, de positiva dessolidarização radical da interioridade subjetiva ante as relações genéricas – não há, nem pode haver, “graus de humanidades”. “Escapar”, diz ele, “na medida do possível, deste tipo humano ao qual nós todos repreendemos duramente, eis tudo o que me parece valer minimamente a pena”.³⁰ O “sonhador definitivo”, no primeiro manifesto (tanto quanto no segundo, aquele que ainda pode crer em sua liberdade, precisamente graças ao desejo e ao sonho), não é mais o “homem” da “literatura psicológica”, compreendido por uma concepção da consciência empírica e unitária; tampouco o da literatura francesa do século 18: o homem do *bon sens*, o *bonhomme*, o *honnête homme*, o *homme de goût*. Certamente, esse radical questionamento do “homem”, em favor do desejo, do inconsciente e do sonho, se manifesta na crítica surrealista da consciência unitária; o que quero ressaltar, no entanto, é um aspecto desse questionamento que se torna central: não se trata mais do “homem” porque não se trata mais daquele que é determinado primeiramente por suas relações ético-genéricas, quer estas sejam concebidas como universais, quer como imediatas, empíricas em suas vivências, como na “literatura psicológica”. Não se trata mais do “homem”, simplesmente, porque o importante a ser sublinhado, nessa concepção de Breton, é o *esprit* como “sonhador”, como uma subjetividade solitária e cindida, plena

30 BRETON, A. Les pas perdus, p. 197.

de sentidos, que se posicionam não apenas em face do e contra o mundo exterior, mas, no limite, “independentemente” dele.³¹

Em outras palavras, isto quer dizer que o sonhador – essa subjetividade radical solitária, que não mais corresponde ao “critério humano” – é concebido por Breton por uma noção de imanência positiva, como potencialidade desiderativa que se exprime positivamente em face de si e que, só com base nessa positividade primeira, se choca com o mundo ou o experimenta em sua existência negativa. A relação negativa com o mundo, sob a forma da revolta e do protesto, é antes de tudo a expressão de uma interioridade subjetiva que, constituindo-se positivamente em toda a sua multiplicidade anárquica de desejos, se posiciona criticamente com relação ao mundo que quer submetê-la à lógica e ao racionalismo. A *vraie vie* certamente se coloca, em Breton, numa relação de negatividade com a *vie réelle*, mas só se coloca assim por meio de uma noção já antes positiva do que seja esta vida verdadeira, como potencialidade plúrima de desejos, imagens e intenções; trata-se, precisamente, com ela, de experimentar a saída da contradição e do negativo, como saída de um estado falso, em direção a um verdadeiro.

* * *

Tais como presentes na reflexão de Breton, a contradição e a negatividade não ocupam qualquer lugar de determinação imanente na constituição dessa subjetividade que se volta negativamente sobre o mundo. Ao contrário, a negatividade de sua relação com o mundo é, antes, constituída; e constituída por uma essencial positividade potente que a precede e que, apenas pela mediação de sua própria constituição desiderativa positiva, embora múltipla, se depara com uma existência negativa exterior; uma existência negativa nesse caso, no preciso sentido de que ela obstaculiza, constrange os seus desejos positiva e anteriormente constituídos. Ora, essa dimensão positivo-imanente da noção de *vraie vie* em Breton, sendo essencial para a sua crítica das formas existenciais reificadas da lógica e do racionalismo, põe algumas nuances na sua concepção da alienação que devem ser consideradas.

31 Sugerido pelas análises de Habermas, Wolin encontra no surrealismo uma “desconstrução” *avant la lettre* da “subjetividade” e da “razão” e, neste sentido, um movimento precursor do “anti-humanismo” que iria caracterizar a filosofia francesa do segundo pós-guerra. Cf. WOLIN, R. *Labirintos*. Em torno a Benjamin, Habermas, Schmitt, Arendt, Derrida, Marx, Heidegger e outros. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

Diante da elaboração conceitual da crítica da economia política, a concepção de Breton dela se distingue quanto a um aspecto que é central àquela elaboração, precisamente o movimento constituinte do negativo que a noção de auto-alienação essencialmente implica: a realização, como desrealização imanente; a objetivação, como perda imanente do objeto; a apropriação, como alienação de si mesmo.³² Para a crítica da economia política, se se pode falar de alienação, é, a rigor, não porque uma essência natural ou metafísica esteja escondida, encoberta; tampouco porque a atividade humana resulte numa realidade própria, exterior, objetiva, mas sim porque sua objetivação, sua exteriorização, ocorre em determinadas relações sociais, produtoras elas mesmas dessa instância abstrata que se autonomiza e que não pode não se autonomizar: o valor econômico.

Ora, a negação e a crítica deste movimento de auto-alienação supõem uma outra noção que não a de imanência positiva, como ocorre, no caso, com as profundezas do espírito em Breton, pois não se trata de pensar – no conceito crítico de alienação – numa oposição entre essas potencialidades subjetivas e a exterioridade. Antes, trata-se das contradições da própria realidade na qual os sujeitos se encontram, contradições pelas quais, e somente por elas, eles se constituem enquanto tais; e se constituem, portanto, precisamente como contraditórios, sendo eles mesmos – tais como se fazem por meio de suas práticas e relações sociais, por meio das categorias alienadas sob as quais vivem – o que está em questão, pois não haveria outra gênese do que eles são senão este mesmo fazer-se pelo qual eles se põem negativamente.

Assim, o movimento de uma exteriorização alienada/alienante implica, na crítica da economia política, um movimento imanente, sim, porém um movimento negativo da própria atividade em e pela qual os sujeitos se constituem enquanto tais, mas se constituem aí precisamente de modo negado: trata-se, efetivamente, de uma “autonegação”. Em suma, a negatividade é, em sua existência na própria experiência prática social, uma determinação central para a formulação teórica da alienação pela

32 Mesmo nos *Manuscritos* de 1844, nos quais reivindica parcialmente (e, portanto, revoga parcialmente) a crítica feuerbachiana a Hegel, Marx está mais próximo deste último do que daquele primeiro, pois não apenas considera a importância da negatividade, como auto-atividade e autoconstrução do homem (e este seria, em sua análise, um dos acertos de Hegel), como também considera a atual experiência de alienação, esta mesma em que a atividade humana é atividade autonegada, é “propriedade privada”, uma “pressuposição necessária” do comunismo, entendido como superação “positiva” da alienação precisamente porque, antes de tudo, essa perspectiva histórica só pode surgir desta mesma experiência negativa; e só pode pôr-se positivamente, por um processo também de negação, ou seja, de superação.

crítica da economia política, uma determinação que lhe é constitutiva e constituinte. Assim, ao fazer a crítica de um metabolismo abstrato que, de modo exterior e hostil, constrange praticamente a experiência dos indivíduos, limitando-a e a empobrecendo, Breton encontra-se com uma determinação central da reificação, tal como ela é conceitualmente elaborada pela crítica da economia política; mas dela se distancia, neste mesmo plano conceitual, ao elaborar sua crítica por meio de uma noção positiva da *vraie vie*. Trata-se, porém, neste caso, da forma específica sob a qual, com base na moderna experiência poética francesa, Breton e os surrealistas compreenderam – de um modo mais amplo e mais radical do que o marxismo francês – a miserável experiência reificada do “reino da lógica” e do “racionalismo absoluto”.

A propósito de sua relação teórica com o pensamento de Marx, Breton diz nas *Entretiens*: “nós éramos muito pouco dotados para a economia política”; conheciam, no entanto, algumas obras “filosóficas” de Marx, como a *Sagrada família* e a *Miséria da filosofia*.³³ Ora, é visível que esta separação disciplinar da pesquisa de Marx ignora que, para alguém de uma “filosofia” e uma “economia política”, se trata nela de uma crítica da economia política, enquanto crítica das relações sociais modernas; e que é apenas no interior dessa crítica que se coloca, inclusive como consequência e continuidade da crítica da consciência cotidiana reificada, a crítica tanto da filosofia quanto da ciência Economia Política e suas categorias. Não se trata, portanto, de ser “dotado para a economia política”... Essa compreensão disciplinar e doutrinária da pesquisa de Marx é, no entanto, própria do marxismo oficial e fez (e faz) época. O característico de Breton é ter sido capaz de, mesmo esforçando-se, particularmente depois de 1925, por se aproximar do marxismo, assumindo suas questões filosóficas e usando seu jargão, se ter mantido sempre alguém da doutrina e, portanto, além de sua crítica da realidade. E, por um impulso completamente independente dessa relação com o marxismo, mas, precisamente por se posicionar pela mediação da tradição insurrecional da moderna poesia francesa, ter sido capaz de articular criticamente, no programa surrealista, determinadas formas existenciais da reificação.

33 Cf. BRETON, A. *Entretiens*. Paris: Gallimard, 1969.

Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, C. Salon de 1946. In: *Œuvres complètes*. Paris: Robert Lafont, 1980.
- BAUDELAIRE, C. Exposition de 1855. In: *Œuvres complètes*. Paris: Robert Lafont, 1980.
- BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *Obras escolhidas*, vol. III. Tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, W. Parque Central. In: *Obras escolhidas*, vol. III. Tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, W. Über einige Motive bei Baudelaire. In: *Gesammelte Schriften*, B. I-2. Frankfurt am Main: Surkhamp Verlag, 1980.
- BENJAMIN, W. Zentralpark. In: *Gesammelte Schriften*, B. I-2. Frankfurt am Main: Surkhamp Verlag, 1980.
- BRETON, A. *Entretiens*. Paris: Gallimard, 1969.
- BRETON, A. La dernière greve. In: *La révolution surréaliste*. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1975.
- BRETON, A. Les pas perdus. In: *Oeuvres complètes*, t. I. Paris: Gallimard, 1988.
- BRETON, A. *Manifestes du surréalisme*. Paris: Gallimard, 2000.
- BRETON, A. *Nadja*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Imago, 1999.
- BÜRGER, P. *Teoría de la vanguardia*. Tradução ao espanhol de Jorge García. Barcelona: Ediciones Península, 1987.
- LÖWY, M. Romper a gaiola de aço. In: *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*, livro I, vol. 1. Tradução de Regis Cardoso e Flávio René Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- MARX, K. Ökonomisch-philosophische Manuskripte. In: *Marx-Engels Studienausgabe*, B. II. Frankfurt am Main: Fischer Bücherei, 1966.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Deutsche Ideologie*. In: *Marx-Engels Werke*, v. 3. Berlin: Dietz Verlag, 1958.
- MARX, K.; ENGELS, F. *L'idéologie allemande*. Tradução francesa de H. Auger et al. Paris: Editions Sociales, 1968.

WOLIN, R. *Labirintos*. Em torno a Benjamin, Habermas, Schmitt, Arendt, Derrida, Marx, Heidegger e outros. Tradução portuguesa de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

Recebido em 01.08.2019.

Aceito para publicação em 01.11.2019.

© 2019 João Emiliano Fortaleza de Aquino.

Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR)